

Polêmica: Mais um capítulo da disputa CQC X “Jornalismo sério”

Por Thiago Ferreira ¹

O programa *Custe o Que Custar (CQC)* que estreou em 2008 na TV Bandeirantes tem se envolvido, desde lá, em diversas polêmicas com o campo jornalístico. As críticas feitas por jornalistas tem como foco o fato do programa articular informação com entretenimento. Para muitos destes profissionais, o *CQC* é um programa de humor que “finge fazer jornalismo”. Na semana passada, [mais uma polêmica](#) envolvendo jornalistas políticos, Relações Exteriores e o Palácio do Planalto.

Em uma gravação durante a visita da secretária de Estado americana, Hillary Clinton, o repórter do *CQC*, Maurício Meirelles, foi ameaçado por jornalistas, após ter tentado entregar uma máscara a Clinton. Os jornalistas gritaram que não seriam figurantes da piada do programa da TV Bandeirantes, ameaçaram o produtor Gustavo Noblat, e até o Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, após ser provocado por jornalistas, entrou na disputa, pedindo que o Planalto proíba as reportagens do programa (segundo o jornal Folha de S. Paulo, [o Planalto atendeu ao pleito](#) dos jornalistas).

“Este Sindicato recebeu nas últimas horas dezenas de reclamações relativas a forma como integrantes do programa humorístico *CQC* tem se comportado em entrevistas coletivas e solenidades governamentais. O episódio mais recente e gravoso ocorreu na visita da Secretária de Estado dos EUA. Tal comportamento tem gerado constrangimentos e atritos que frequentemente prejudicam o bom desempenho dos profissionais de imprensa, muitas vezes precipitando o encerramento das coletivas e solenidades, e resultando em maior a restrição no acesso dos jornalistas às autoridades. Sem desmerecer o trabalho humorístico, acreditamos que nossa sociedade carece, em maior grau, de informações de qualidade, e neste sentido, defenderemos sempre a preponderância da atividade jornalística sobre a humorística”, diz a nota do Sindicato enviada ao Palácio do Planalto. A versão dos jornalistas é que o *CQC* atrapalhou a entrevista coletiva da secretária de Estado e que o produtor teria começado a confusão, xingando os jornalistas presentes ao Itamaraty.

“Há uma questão a discutir nas matérias do *CQC*, Pânico e derivados: a ambiguidade entre jornalismo e humorismo. É correto valer-se de prerrogativas de repórteres, como o credenciamento em eventos não facultado a artistas, para fazer humor, entretenimento? É ético estabelecer uma relação com entrevistados que se faz passar uma coisa (reportagem), mas é outra muito distinta (humor)? Acho que a contradição nesse assunto está chegando ao paroxismo, o que explica o comportamento dos coleguinhas que se insurgiram contra o cara do *CQC*”, disse o jornalista Gabriel Priolli. Percebe-se, na nota e nos argumentos do jornalista, mais uma etapa da disputa em torno do *CQC*. Ao articular informação com entretenimento, o programa tensiona o campo do jornalismo. Ao tratar da política, espaço reservado, segundo alguns jornalistas e teóricos da comunicação, à seriedade, à formatação da esfera pública, esta tensão é ainda mais aprofundada. O humor e o entretenimento não são campos, segundo os defensores desta perspectiva, que funcionem na cobertura de temas políticos. Ignoram, entretanto, que

¹ Thiago Ferreira é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA.

atores do campo político estão, cada vez mais dispostos, a participar deste tipo de programa.

Houve também jornalistas que opinaram defendendo o jornalismo feito pelo *CQC*. “Jornalista se leva muito a sério. Insisto. Acho q (que) há espaço pro jornalismo escracho do *CQC*. Está cheio de jornalismo “sério” mto (muito) mais nocivo”, disse o jornalista Júlio Gomes Filho em seu twitter, oferecendo mais um argumento à discussão. Todas as práticas jornalísticas que fogem ao discurso da racionalidade são enquadradas como distorção, como se o jornalismo dito sério também não tivesse problemas e fosse alvo de críticas.

Na edição de ontem, o *CQC* levou ao ar uma versão editada da reportagem, amplamente favorável a si mesmo. Nas imagens mostradas, o repórter Maurício Meirelles comportou-se como os demais repórteres do programa em outras situações como essa. Primeiro, ele foi ao Congresso Nacional e conversou com deputados, a fim de saber o quanto eles sabiam sobre a visita de Hillary Clinton ao Brasil. Depois, um primeiro contato com a secretária de Estado, quando eles tentaram entregar uma máscara a ela e, por fim, uma edição da entrevista coletiva, que contou com um cronômetro no canto superior esquerdo da tela, indicando o início da entrevista coletiva e, após 40 minutos, o seu final, destacando a frase “Liberdade de Expressão” dita pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Antônio Patriota. A reportagem foi encerrada com mais uma piada do repórter. Em nenhum momento, se mostrou a confusão no Itamaraty.

Após a exibição da reportagem, o apresentador Marcelo Tas fez uma defesa da liberdade de expressão e do caráter híbrido do programa. “O *CQC* estava credenciado. A coletiva durou 40 minutos, a gente esperou os 40 minutos para fazer essa pequena brincadeira. Hillary já tinha sorrido para nossa câmera. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal está querendo propor agora restrição à liberdade do *CQC* cobrir a política em Brasília. (...) Toda semana, o *CQC* tá no Congresso (...) e a gente acredita que já mostramos aqui deputados reconhecendo que tiveram oferta de propina, já jogaram no bicho. Será que é hora do Brasil voltar a restringir liberdade de imprensa? Aliás, falaram ‘humor e jornalismo não se misturam’. (...) O Brasil tem jornalistas brilhantes que fazem jornalismo com humor. Será que é hora de jornalistas pensarem em restringir a liberdade de imprensa, no nosso país? (...) Vocês podem tentar calar um programa, mas no dia seguinte, isso pode acontecer com você, com você”, disse Tas apontando para a câmera e concluiu: “O *CQC* não está aqui para brigar com ninguém. Tem muitos jovens, tem muitas famílias, que acompanham esta bagaça que quer ver a gente continuar cobrindo a política. E o nome desse programa, meus queridos, que querem restringir o *CQC*, é Custe o Que Custar. Nós vamos continuar correndo atrás”. O discurso de Tas, Oscar Filho e Marco Luque, durou quatro minutos.

Em seu discurso, Tas se apropria de valores do jornalismo para defender o programa. Cita a vigilância, o jornalismo como quarto poder e o argumento de que o pedido dos jornalistas é censura e um atentado à liberdade de expressão. Esta não é a primeira vez que o programa se apropria deste discurso em sua defesa. Ainda em 2008, o *CQC* fez uma campanha porque o Congresso queria cassar a autorização de seus repórteres de gravar em seus espaços internos, argumentando que aquele não era um programa jornalístico. O programa investe nesta ambiguidade e nesta articulação, tendo recebido diversos prêmios como melhor programa de humor da TV brasileira, ao mesmo tempo

em que assume o discurso do jornalismo, parecendo ser esta tensão algo que vai ainda permanecer por muito tempo ou, pelo menos, enquanto o programa continuar no ar.